



MONTANHISMO NO ESPÍRITO SANTO: PERFIS DA ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE ESCALADA (ACE)

MONTAINEERING IN ESPÍRITO SANTO: PROFILES OF ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE ESCALADA (ACE)

*Beatriz Garcez e **Felipe Quintão de Almeida

RESUMO

Essa pesquisa objetivou traçar o perfil (ou perfis) dos praticantes de montanhismo, modalidade escalada, no Estado do Espírito-Santo. Em termos metodológicos, aplicou-se um questionário aos filiados da Associação de Escalada Capixaba (ACE), realizaram-se incursões etnográficas e entrevistas com os montanhistas vinculados àquela instituição. O artigo apresenta uma análise quali-quantitativa do questionário aplicado, com o objetivo de mapear os locais da prática, o nível de escolaridade dos montanhistas, o tempo de vivência, a idade dos praticantes, as motivações para o envolvimento com a modalidade, entre outros aspectos. Os resultados permitem afirmar que existem vários perfis de escaladores no Espírito-Santo e que as características que referenciam suas diferenças estão ligadas aos interesses, afinidades e oportunidades a que estes atores têm acesso; contudo, o foco de sua organização está em promover a prática da escalada.

Palavras-chave: Montanhismo; Escalada; Esporte de Aventura.

ABSTRACT

This study aimed to draw the profile (or profiles) of the mountaineers, specifically in the category of climbing, in the state of Espírito-Santo. Methodology consisted in a questionnaire applied to the members of the Associação de Escalada Capixaba (ACE) (Climbing Association in Espírito Santo), ethnographic incursions and interviews with the mountaineers linked to that institution. The article presents a qualitative and quantitative analysis of the questionnaire responses, aiming to identify the places where the sport is developed, the level of education of the mountaineers, their experience, their age and their motivations for involvement with the sport, among other aspects. The results allow us to state that there are several climbers profiles in Espírito Santo and the characteristics that reference their differences are linked to the interests, affinities and opportunities that these actors have access; however, the focus of his organization is to promote the practice of climbing.

Key words: Mountaineering; Climbing; Adventure Sports.

Recebido em: 18/08/2016
Aprovado em: 05/10/2016

*Beatriz Garcez
Faculdades Doctum, Vitória, ES
Email: biaedf@hotmail.com

**Felipe Quintão de Almeida
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES
Email: fqalmeida@hotmail.com



INTRODUÇÃO

“Nunca se escalou e conquistou tanto como agora, aqui no ES”. Esta frase, escrita pelo presidente da Associação Capixaba de Escalada (ACE), em julho de 2013, e remetida, via *e-mail*, aos escaladores filiados, foi parte da resposta dada a um escalador do Paraná sobre essa prática no ES. Pontuá-la é dirigir-se ao âmago da motivação pessoal e justificação acadêmica desta pesquisa, que tem seu objeto situado a partir de análises das interfaces subjetivas da (s) tribo (s) de escaladores do ES e suas relações/mediações sociais com a natureza, o risco e a pluralidade de sensações.

Esta pesquisa iniciou-se em 2010, por meio do acompanhamento de notícias vinculadas ao *site/e-mails* da ACE, redes sociais, incursões vivenciais, entre outros, a fim de verificar as tomadas de ação entre os atores que interagem pelos diferentes ambientes e lócus de montanhismo no ES. Dessa aproximação inicial foram instigadas questões que fomentam a base investigativa deste trabalho: qual o perfil do grupo de escaladores do ES filiados a ACE? Como são propostas suas condutas sociais? De que maneira esses atores verificam suas relações com a natureza e o risco a partir de suas práticas? Nessa pesquisa serão apresentadas as análises dos resultados da pesquisa quantitativa que revelam informações sobre os perfis dos praticantes.

Decerto que as subjetivações e o enredo de particularidades dos grupos de escaladores com quem tivemos contato não poderiam ser transpostos em dados quantitativos, nem mesmo representam a generalização dos grupos, de forma que podem ser tomados como um ponto de partida na busca por entender alguns contextos acerca dessas temáticas.

Para tanto, pondera-se que as escolhas das referências literárias que serão apresentadas nos diálogos subsequentes têm por objetivo a aproximação com autores representativos na produção de conhecimento sobre as atividades de aventura, em especial o montanhismo.

Começamos, então, pela definição de montanhismo. O montanhismo refere-se ao ato de subir montanhas; esta explicação simples justifica-se pela extensão de atividades possíveis de serem desenvolvidas nesse lócus. Contudo, o ato de subir montanhas sobrepõe essa simplificação inicial quando, em análise histórica e cultural, citam-se as diferentes maneiras e objetivos de fazê-lo. Brito (2008, p. 9) constrói uma reflexão sobre as montanhas e suas representações sociais e discursiva sobre os simbolismos arraigados ao desenvolvimento da escalada e as sensações que a permeiam:

O montanhismo guarda também aspectos inconscientes e simbólicos de longa data. Nota-se, sobretudo a forte conexão do montanhista com a figura mítica do herói. O escalador assume o papel de alguém que se sujeita a privações e sofrimentos, que luta contra os obstáculos para cumprir sua missão. [...] Ao assumir riscos, o montanhista desafia a natureza e a si mesmo, expondo-se à vitória e à derrota, à luta e à recompensa. O montanhista, realmente, escala para si, movido pelo desafio, em busca da superação de si mesmo, de conhecer seus limites físicos e mentais – mas escala também para os outros, representando países ou grupos, e colhe os frutos obtidos.

O montanhismo concebido como prática, ou mesmo, com caráter esportivo, passou por mudanças, como enfatiza Dias (2008, p. 40), ao apresentar o relato de um dos ícones desse movimento no Brasil, Jean Pierre Von der Weid: “[...] surgia a crença de que o importante numa escalada era o próprio ato de escalar, onde a maneira pela qual se subia a montanha passava a ser tão importante quanto o próprio ato de subir”.

A Confederação Brasileira de Montanhismos e Escalada¹ (CBME), criada em 2004, é a entidade representativa do Brasil no montanhismo e na escalada tem reconhecimento de suas atividades pelo Ministério dos Esportes²,

¹ A CBME é reconhecida pelas associações de montanhismo e escalada no Brasil por seu vínculo com a União Internacional de Associação de Alpinismo e por ter suas ações reconhecidas pelo Ministério dos Esportes acerca das atividades que desenvolve.

² Explícito em <http://portal.esporte.gov.br/snear/cdn/infoEntidades.jsp?identidade=567>



como membro permanente da Comissão de Esportes de Aventura e descreve o montanhismo com sendo “[...] atividades de acesso, travessias e ascensão, descida de montanhas e suas técnicas derivadas”. Quando observamos as obras produzidas no Brasil a respeito do montanhismo (MARINHO, 2001, 2003, 2006; COSTA, 2004; BRITO, 2008; COSTA, 2000; PEREIRA, 2007, 2010), elas destacam a escalada como uma das práticas mais recorrentes para ascender as montanhas.

A escalada é considerada uma modalidade do montanhismo, mesmo contando com descrições variadas; pode-se referenciar seu conceito como a ação de ascender às montanhas, rochas e paredes, com ou sem a utilização de equipamentos, por meio do apoio das mãos e pés nas superfícies. Em síntese, o objetivo de chegar ao topo da montanha permanece, porém com vista a novas formas de fazê-lo. Datadas na década de 1960, algumas ações dos clubes de excursionistas do Rio de Janeiro, RJ consolidam o movimento de emancipação e desenvolvimento do montanhismo e da escalada no Brasil. Vias de escalada foram abertas nas montanhas do Espírito Santo nessa época e a verificação do “como subir” se expressava nos equipamentos utilizados e nos caminhos percorridos pelos montanhistas. As afirmações acima, sobre o início da escalada no ES, procedem dos relatos dos escaladores³ Oswaldo Baldin e Zé Marcio⁴. Esses atores afirmam que as primeiras investidas para conquista de vias de escalada no Espírito Santo aconteceram na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, realizadas por escaladores do Rio de Janeiro e relatam as adaptações e confecção de equipamentos para as mesmas. Sobre as primeiras vias abertas na cidade de Vitória, Baldin afirma que foram realizadas na Pedra da Ilha do Boi, por um turista francês em visita a cidade.

Apesar de existirem, na literatura, referências

acerca do montanhismo como atividade vinculada à aventura e à natureza, entre outras possibilidades, os dados científicos sobre seu desenvolvimento no Estado do ES ainda são escassos. Sendo assim, pelas aproximações com as produções informais dos praticantes⁵ e pelo número expressivo de indivíduos que desenvolvem atividades nas montanhas do Estado, é que se buscou estabelecer apreciações sobre os perfis desses praticantes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo descritivo, que se utiliza de dados quantitativos e qualitativos para apresentar seus resultados, obtidos por meio de questionários com 18 questões abertas e fechadas, respondidos eletronicamente entre os meses de janeiro a maio de 2013. A fim de coletar relatos que contribuíssem com as análises dos dados quantitativos, inserimos trechos das entrevistas realizadas durante a dissertação, bem como alguns relatos produzidos por nós durante a presença no campo⁶.

As definições metodológicas, entre outras particularidades quanto ao desenvolvimento desta pesquisa, foram submetidas, analisadas e obtiveram aprovação do Comitê de Ética, com parecer nº 526.742, que autorizou seu prosseguimento.

Foi utilizado um filtro, contido no próprio *site* da ACE, no sentido de efetuar o envio somente para os filiados que residem no Espírito Santo; portanto, a pesquisa foi remetida a 384 pessoas da lista de associados, sendo que o total de filiados com e-mails cadastrados era de 416 pessoas. A tabulação dos dados foi realizada por meio do sistema operacional Microsoft Excel 2010 e os mesmos serão apresentados neste trabalho por meio de numeração de proporções

³ Houve autorização prévia dos indivíduos que participaram dessa pesquisa para a divulgação de seus nomes relacionados às falas citadas no corpo desse texto.

⁴ Estes montanhistas sagraram-se no desenvolvimento da escalada no Espírito Santo e são reconhecidos por sua experiência entre os montanhistas do Estado.

⁵ Alguns montanhistas do Estado disponibilizam em suas páginas na internet informações sobre suas incursões e eventos.

⁶ Na dissertação, além do questionário que é objeto de reflexão deste artigo, realizamos uma pesquisa de campo na ACE e em alguns campos-escola de montanhismo no Estado do Espírito Santo. Essa foi uma ocasião para entrevistar alguns personagens do montanhismo capixaba, mas também para registrar, em um diário de campo, notas importantes para a pesquisa. Campos-escola se referem aos locais onde os escaladores, iniciantes e experientes, se encontram para a prática.



percentuais e/ou gráficos.

A seguir serão apresentados os dados a respeito dos seguintes temas: município onde residem, sexo, estado civil, nível de escolaridade, setores de trabalho, renda financeira, faixa etária, tempo de prática, aquisição de equipamentos, consumo de mídias sobre montanhismo (revistas, livros, etc), frequência em que viaja para escalar, frequência de prática semanal, fatores que limitam a prática, locais de prática, utilização e/ou filiação em espaços virtuais para praticantes, tipo de prática que realiza nas montanhas (escalada, rapel, etc) e fatores que motivam a prática.

OS PERFIS DOS MONTANHISTAS DO ACE

Dos 348 montanhistas que receberam o questionário, 81 reportaram suas respostas para análise. Os dados revelam que a maioria dos praticantes de montanhismo reside na Região Metropolitana de Vitória⁷, principalmente nos municípios de Vitória (38%) e Vila Velha (17%). Sobre a quantidade de montanhistas que vivem em outros municípios, temos: 2% Afonso Claudio; 1% Cariacica; 2% Cachoeiro; 5% Serra; 1% Venda Nova do Imigrante; 1% Guarapari; 5% Colatina; 1% Santa Maria de Jetibá; 2% Viana; 1% Linhares; 3% Barra de São Francisco; 1% Alegre.

Esta incidência de montanhistas na Região Metropolitana de Vitória coincide com os achados de Dias e Alves Junior (2007, p. 39) em seus estudos sobre a cidade do Rio de Janeiro, RJ e sua relação com as práticas do surfe e do montanhismo, quando comentam a distribuição dessas práticas: “[...] em geral, os espaços de cada uma delas encontram-se no interior da malha urbana da cidade”. Nesta via de análise, Marinho e Bruhns (2005) afirmam que “[...] os grupos de escalada urbana que se formam, a cada dia, fazem parte de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades”.

Portanto, o fato de a maioria dos escaladores (as) que participaram desta pesquisa residir na Região Metropolitana de Vitória corrobora a ideia de que as atividades em contato com a natureza⁸ podem figurar como práticas de interesse entre os moradores dos centros urbanos, principalmente, quando essas cidades conservam em seus territórios elementos naturais com acesso facilitado por meio de vias urbanas, a se citar o Morro do Moreno em Vila Velha/ES, e a Pedra da Ilha do Boi, em Vitória/ES, como referências dessa hibridez entre o urbano e a natureza.

Sobre esta formação das cidades e a escolha pela prática de atividades de aventura em contato com a natureza, Dias e Alves Junior (2008, p.34) citam a Barra da Tijuca, RJ e sua coesão ao projeto arquitetônico e urbanístico: “Parece que aquela nova maneira de viver elegeu o contato com a natureza como seus elementos definidores, o que se reflete nos costumes esportivos adotados na região”. Os Municípios de Vitória e Vila Velha assemelham-se à localidade citada pelos autores, se levarmos em conta a costa marítima dessas cidades junto a seus cenários de rochedos e montanhas em meio aos prédios e viadutos.

Cantonari e Oliveira Junior (2005, p. 59) pontuam que “[...] nestas atividades estão presentes a possibilidade de reaproximação da natureza, a condição de se vivenciar algo que está muito distante do dia a dia, do corriqueiro, e de experimentar tensões prazerosas há muito distantes do cotidiano das sociedades modernas, ou seja, atividades que vertem a noção de algo altamente arriscado. Assim, é possível analisar que o cenário urbano rodeado de montanhas pode ter influenciado na escolha dos atores pela prática da escalada e, dessa forma, ter potencializado sua preferência pelas vias de rochas conquistadas em meio ao asfalto”.

Na sequência dessas questões foi verificado que, dos 81 respondentes, 66 são homens e 15 são mulheres. Outras pesquisas realizadas no Brasil também apontam para a prevalência de homens no montanhismo. Este é o caso da pesquisa realizada em 1991 pela Revista *Mountain Voices*, em que 78% dos assinantes são do sexo

⁷ A Região Metropolitana de Vitória é composta pelos municípios de Vitória, Cariacica, Serra, Fundão, Guarapari, Viana e Vila Velha.

⁸ Aqui expressas não somente as atividades de aventura em contato com a natureza, mas as atividades físicas em geral, como caminhar pelos calçadões das orlas, pedalar pelas ciclovias dos parques das cidades, entre outras possibilidades.



masculino, contra 22% do sexo feminino. Em 2005, a “Mundo Vertical”⁹ realizou uma pesquisa com amostra de 1.469 pessoas e apontou que 83% dos montanhistas são homens e 17% são mulheres (FRECHOU, 1992, p. 2 apud DIAS et al., 2009, p. 100).

Entre o público masculino e feminino de participantes desta pesquisa chama atenção a quantidade de solteiros e divorciados (46) em comparação com o número de casados (22) e em união estável (13). A questão que emerge dessas informações é se o estado civil dos escaladores influenciaria na disponibilização de seu tempo para a prática da escalada. Não foram encontradas pesquisas que argumentem se a aderência em atividades de aventura, como a escalada, pode ser influenciada pelo estado civil de seus praticantes, ou estudos que fortaleçam ou refutem a ideia de que indivíduos solteiros disponibilizariam mais de seu tempo livre para o desenvolvimento de atividades físicas em meio natural.

Contudo, pelos discursos dos atores que participaram desta pesquisa, é possível enfatizar que há maior incidência de solteiros e divorciados que disponibilizam seu tempo livre para escalar em comparação com os indivíduos casados ou em união estável. Ainda assim, são necessárias mais pesquisas que investiguem o estreitamento entre estas hipóteses aqui aventadas.

Quanto ao nível de escolaridade dos respondentes, os dados indicam que 25 têm curso superior completo, 14 estão cursando a graduação e 31 são pós-graduados. Entre os demais, cinco (5) têm curso técnico, quatro (4) ensino médio

completo, um (1) ensino médio incompleto e um (1) ensino fundamental incompleto.

Quanto às escolhas profissionais, pontua-se a heterogeneidade entre os respondentes, com distribuição entre várias áreas de atuação e setores de trabalho¹⁰, sendo que dois (2) estão no setor primário, oito (8) no setor secundário, sessenta e cinco (65) no setor terciário e seis (6) são estudantes.

A pesquisa de Dias (2009, p. 100), realizada durante a “Abertura da Temporada de Montanhismo do Rio de Janeiro” do ano de 2007, mostra que 31% e 30% dos participantes assinalaram que são profissionais liberais ou empregados do setor privado, respectivamente. Neste contexto, os dados sugerem que muitos escaladores utilizam sua renda e profissão como forma de viabilizar sua prática.

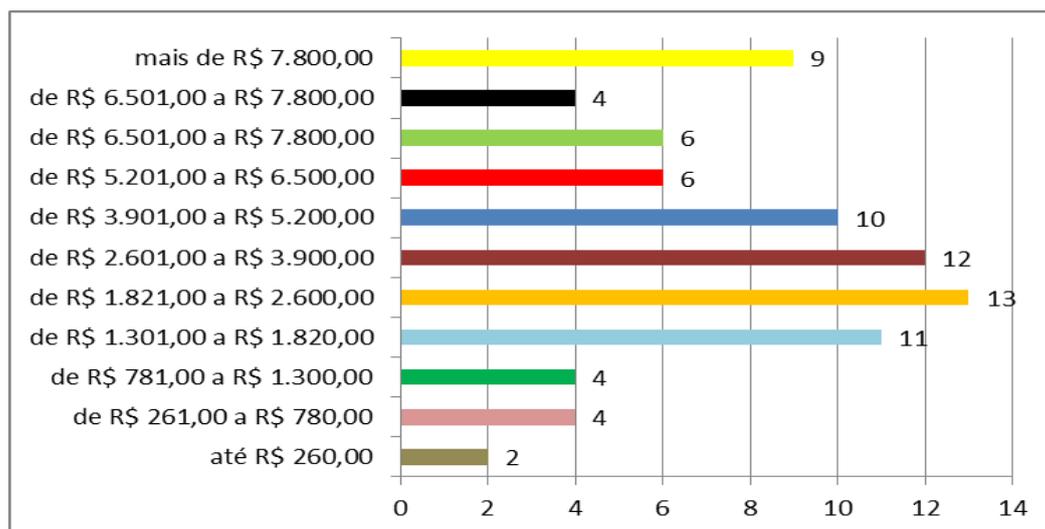
Um dado que contribui para essa análise refere-se à renda mensal individual dos respondentes, apresentada no gráfico a seguir:

A pesquisa de Dias (2009, p. 100), realizada durante a “Abertura da Temporada de Montanhismo do Rio de Janeiro” do ano de 2007, mostra que 31% e 30% dos participantes assinalaram que são profissionais liberais ou empregados do setor privado, respectivamente. Neste contexto, os dados sugerem que muitos escaladores utilizam sua renda e profissão como forma de viabilizar sua prática.

Um dado que contribui para essa análise refere-se à renda mensal individual dos respondentes, apresentada no gráfico a seguir:

⁹ Empresa de turismo de aventura

¹⁰ As profissões elencadas pelos respondentes foram tabuladas de acordo com a classificação do IBGE (2007), sendo que ao setor primário relaciona-se a produção através da exploração de recursos da natureza, o setor secundário é o que transforma as matérias-primas em produtos industrializados e o setor terciário está ligado à prestação de serviços.

**Gráfico 1:** Quanto à sua renda financeira mensal

Fonte: Construção dos autores

Sobre estes fatores econômicos, a pesquisa de Pimentel e Saito (2010) formula uma análise que colabora para o entendimento da aderência às atividades de aventura pelos indivíduos interessados. Quanto maior o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), maior o interesse pela prática de atividades de aventura. Quanto menor esse índice na cidade, mais singelas financeiramente são as experiências. Independentemente da cidade, as vivências mais onerosas (mais risco e tecnologia) ou estavam concentradas em militares ou em profissionais liberais. Assim, escolaridade e estabilidade profissional aumentam as chances de se praticar uma maior diversidade de aventuras (PIMENTEL; SAITO, 2010, p. 10).

Até aqui foram apresentados alguns dados sobre o perfil socioeconômico dos escaladores que realizam suas atividades no Espírito Santo. Nos tópicos seguintes, serão compiladas questões específicas sobre a relação desses praticantes com as atividades desenvolvidas, como: sua trajetória e tempo de prática, sua rotina, a polivalência de preferências acerca das modalidades, entre outras contextualizações.

DAS ESCOLHAS DA JUVENTUDE À BROADAGEM¹¹ EXPERIÊNCIA DA FASE ADULTA: AS CONDUTAS DOS AVENTUREIROS DO ESPÍRITO SANTO

Entre os respondentes, a maioria (64) tem idade compreendida entre 23 e 38 anos. Este dado é similar aos achados de Dias e colaboradores (2009), que apontam que o perfil geral dos montanhistas participantes de sua pesquisa tem faixa etária entre 20 e 39 anos. Apenas um (1) respondente tem menos de 15 anos e um (1) mais de 55 anos.

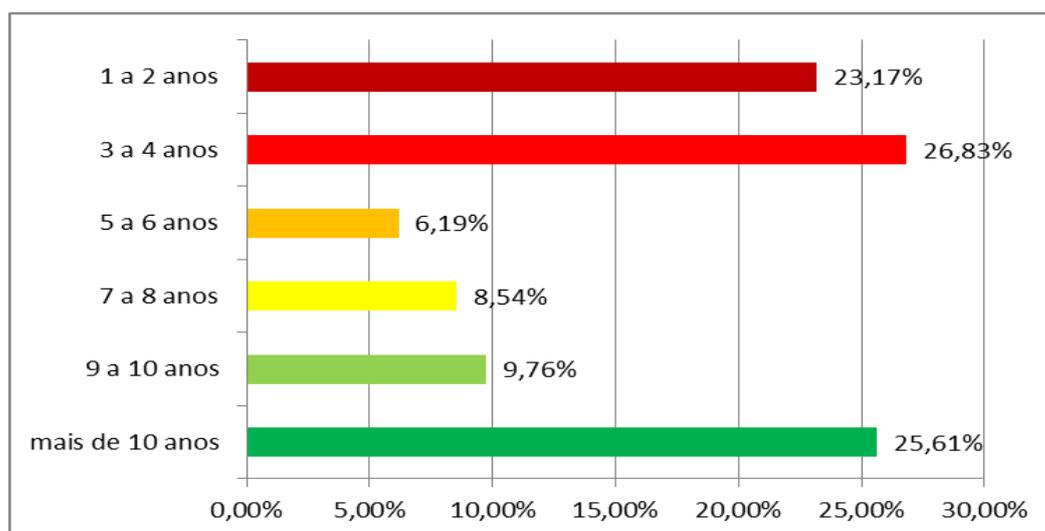
Apesar de os dados apontarem para uma maioria de adultos no cenário da escalada do ES, a iniciação nas modalidades acontece durante a adolescência ou juventude e os indivíduos que figuram no quadro atual garantem a adesão pelos anos de experiências, pela recepção e companheirismo com os novos praticantes.

Essa comprovação pode ser verificada pela correlação entre tempo de prática e faixa etária dos respondentes, onde: 23,17% praticam montanhismo há cerca de 1 e 2, anos enquanto 25,61% pratica há mais de 10 anos. Os dados coletados sugerem que a adesão dos praticantes não necessariamente tenha ocorrido em sua idade atual.

¹¹ Termo utilizado pelos escaladores para referir-se à camaradagem, ajuda e incentivo com os demais.



Gráfico 2: Há quanto tempo você é praticante de escalada/montanhismo?



Fonte: Construção dos autores

É possível verificar que a prevalência de indivíduos adultos na escalada do Espírito Santo é um dado que pode balizar a relação dessa fase da vida com a possibilidade de independência financeira e a culminância da disponibilização de recursos financeiros próprios para o lazer e para a demanda de aquisição de equipamentos, que oportunizam a prática das modalidades escolhidas, o consumo de viagens, artigos específicos para montanhismo, entre outros.

Apesar disso, é possível afirmar que a aquisição de equipamentos não é fator essencial para a iniciação na atividade e somente 6,54% dos respondentes apontam o custo das atividades como obstáculo. 6,10% dos indivíduos apontaram que não adquiriram equipamentos para sua prática, enquanto a maioria, de 93,90%, afirmou que tem o material próprio para realizar suas atividades.

Quando perguntados sobre o consumo de mídias vinculadas ao montanhismo, 10,98% afirmaram não acessar revistas e outros itens de informação sobre o montanhismo, enquanto 89,02% responderam que acessam revistas, livros, assistem a filmes, entre outros veículos de informação sobre montanhismo. É possível afirmar que uma parcela significativa dos respondentes investe seus recursos financeiros para a compra de equipamentos e artigos necessários ou relacionados à prática de sua modalidade, apesar de afirmarem que as

primeiras incursões podem ser feitas sem investimento inicial em equipamentos.

A partir dessas visualizações, é possível concluir que, após a fase de iniciação e com a intencionalidade de continuar a escalar, os indivíduos tendem a adquirir os próprios equipamentos e aumentam seu consumo de materiais vinculados ao montanhismo. Para Souza e colaboradores (2011, p. 344), “[...] o gosto pode se exprimir de duas formas complementares, ou seja, contemplando as exigências impostas pela necessidade dos agentes e grupos, ou então, como estratégia cuja expectativa é suprir um estilo de vida distintivo e condizente com as posições ocupadas”.

Possuir estes equipamentos de escalada pode demonstrar o pertencimento ao grupo, bem como a promoção da autonomia dos atores para propor outras formações de grupos. Sobre isto, Souza e colaboradores (2011, p. 342) utilizam os ideários de Bourdieu (1998, p.108) a respeito das representações, para explicar as lutas pelas classificações de novos grupos ou subgrupos, isto é, “[...] lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor uma definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, de fazer e desfazer os grupos”. Outra informação relacionada à prática e ao consumo dos montanhistas refere-se à periodicidade de viagens e incursões realizadas pelos mesmos. Para o ideário que envolve o ato de viajar, utilizaremos a



construção de Costa e colaboradores (2007), que argumentam que:

[...] viagem tem no estrangeiro o seu personagem típico, pois o mesmo está vinculado à ideia de deslocamento espacial e ao ímpeto de ir que o colocou em trânsito. A noção de viagem sempre esteve relacionada de alguma forma ao chamado mundo natural – às paisagens exuberantes – e às culturas exóticas, pois ambos atraem os cidadãos, impelindo-os à procura de novos lugares, estimulando o seu deslocamento para além do ambiente urbano, como uma forma de experienciar formas de lazer no qual é possível vivenciar o contato com as paisagens e as culturas que nelas vivem e as produzem.

Uma parcela expressiva (53,66%) alega não viajar com periodicidade, em contraponto com os que têm uma frequência, ao menos mensal (24,39%), destinada às incursões. Somente 10,98% viajam todo final de semana, 6,10% com frequência quinzenal, 24,39% viajam uma vez por mês. O menor percentual (4,88%) respondeu nunca ter viajado para praticar montanhismo. Entre os respondentes, apenas 8,41% apontaram a distância entre as vias como fator limitante para a prática do montanhismo.

A falta de tempo disponível para viajar e a dificuldade de acesso a vias de escalada distantes do eixo dos Municípios de Vitória/Serra/Viana/Vila Velha – onde estão localizadas as vias mais próximas aos centros urbanos – podem ser consideradas um argumento que explique esses números, visto que as incursões para outras localidades exigem maior demanda de recursos materiais, organização quanto à previsão meteorológica e estudo topográfico¹² da região.

Dias (2009) aponta, em sua pesquisa, que 81% dos montanhistas realizam suas atividades nos finais de semana e ocupam geralmente a manhã e a tarde (44%) ou o dia inteiro (42%) em

suas investidas na montanha. Segundo os relatos dos escaladores e pelas observações realizadas durante as incursões, viajar para escalar em um local diferente do habitual pode refletir uma inserção efetiva no grupo, já que comumente os escaladores com menos experiência, e que demonstram interesse e dispõem de tempo para escalar nos campos-escola, são convidados pelos mais experientes a compor o grupo durante alguma investida.

Sobre o tempo disponibilizado para a prática, o questionário traz uma questão a respeito da frequência semanal de dedicação à escalada. Assim, se somados os percentuais dos que praticam suas modalidades semanalmente, obteríamos 62,5%; por esse quantitativo é possível analisar que, mesmo com regularidades adversas, o contato semanal com a atividade, dentre outras apropriações, configura a incorporação da escalada na rotina dos participantes.

Ainda sobre a ótica de analisar os investimentos financeiros, de tempo e atitude dos escaladores, pontuamos que apesar de os dados indicarem que para aderir à prática da escalada é necessário algum investimento financeiro, principalmente após a fase de iniciação¹³, existem condutas que minimizam a importância da aquisição de equipamentos, como as afeições reivindicadas em paternidade¹⁴ e os atos de companheirismo demonstrados nas relações entre os montanhistas experientes e os novos aspirantes à prática, sejam eles jovens ou não, portando ou não equipamentos para sua iniciação. Contudo, entre os fatores limitantes à prática do montanhismo, a falta de pessoas com quem praticar (21,50%) teve uma das maiores indicações.

Sobre isto, é necessário destacar que muitas dessas relações acontecem em tempos/espacos diferentes, ou seja, apesar de serem praticantes da mesma atividade, os atores foram levados ao

¹² Aqui referimo-nos, principalmente, ao estudo do croqui da via, que corresponde a um mapa de localização das proteções fixas da rocha e locais que o escalador deve ter preferência por utilizar.

¹³ Se levamos em consideração os custos do conjunto de equipamentos necessários para se iniciar a escalada, o valor inicial é elevado quando comparado ao de outras modalidades.

¹⁴ Não usaremos o termo apadrinhamento por fidedignidade aos relatos sobre a relação que os escaladores estabelecem com seus pupilos. Entre os escaladores que participaram das nossas investidas no campo, costuma-se perguntar quem é o pai ou mãe na escalada, em referência a quem os ensinou ou incentivou a ir à montanha.



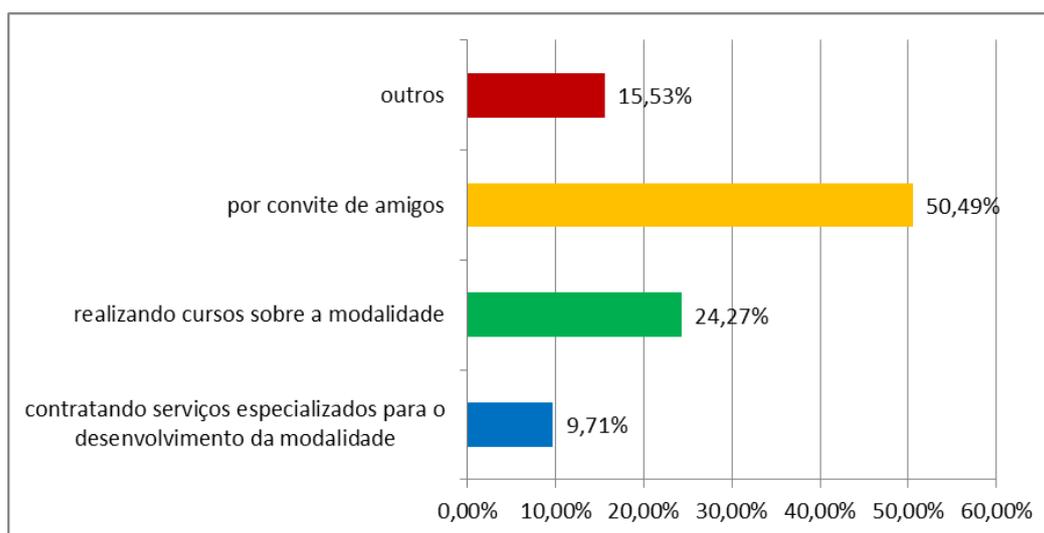
primeiro contato por ocasiões diversas, como pode ser verificado no questionamento “como começou a praticar a modalidade?”.

Segundo Costa (2009, p. 54), “[...] os praticantes das modalidades de esportes na natureza e na zona urbana, organizados em coletivos menores, ligam-se, eventualmente, por interesses comuns”. Além da necessidade de se ter o outro para a instrumentalização dos

equipamentos de segurança¹⁵, o imperativo da socialidade¹⁶ entre os atores garante ao grupo um convívio permeado por significações que remetem a seus interesses e condutas éticas.

Pelas informações contidas no gráfico a seguir é possível verificar o indicativo da relevância do convite de amigos (50,49%) para vivência no montanhismo.

Gráfico 3: Como começou a praticar essa (s) modalidade (s)?



Fonte: Construção dos autores

A amizade figura como uma aproximação de crenças e valores de forma a revelar interesses e significações comuns na vivência de práticas de lazer. É também neste sentido que elas são tidas como diferenciadas em relação a relações de amizade suscitadas, por exemplo, no ambiente de trabalho ou a partir dos vínculos mais próximos ao círculo familiar. Trata-se de tipos de relacionamentos menos institucionalizados e burocratizados, uma vez que, em certa medida, tendem a fugir da rigidez dos vínculos orgânicos tradicionais, quer eles sejam vinculados ao

trabalho, à religião ou façam referência às metáforas familiares (MONTEIRO, 2003, p. 8).

Se, de um lado, alguns indivíduos são convidados, por amigos, a experimentar a atividade, foi possível observar nas incursões à Pedra da Ilha do Boi e ao Morro do Moreno¹⁷ que muitas dessas redes de relacionamento fluem a partir da contratação de serviços especializados, aqui pontuados principalmente pelos cursos de escalada ou pela contratação de guias para incursões pontuais para se praticar o rapel¹⁸, por exemplo. Brinca-se de sobreviver, mas sem

¹⁵ Para se escalar uma via é necessário que um outro escalador forneça o “seg” para quem está na rocha. Seg é a expressão utilizada para segurança, o indivíduo que dá o “seg” ao companheiro garante por meio dos equipamentos de segurança que este fique com a corda retesada no caso de uma queda, por exemplo, o que impediria o acidente por queda livre.

¹⁶ Azevedo (2010, p. 54) compreende a socialidade como as “[...] relações sociais cotidianas que permitem, a partir de comunicação multi-direcional, formar grupos com interesses semelhantes”.

¹⁷ Localizados nos municípios de Vitória e Vila Velha, respectivamente, são considerados os dois principais campos-escola da região metropolitana por serem de fácil acesso (em meio ao centro urbano) aos escaladores.

¹⁸ É importante salientar que o rapel não é considerado uma modalidade do montanhismo, e sim, uma técnica vertical comumente utilizada por escaladores para descer das vias após a escalada.



angústia, sem tensões e por poucos dias, com todo o apoio de especialistas (LE BRETON, 2009, p. 93). Essa prática tem sido, de forma geral, fortemente incorporada pelo mercado esportivo e/ou turístico, especialmente em sua versão “ecológica” ou “de aventura”, passando assim, a despeito de suas potencialidades e do discurso ecológico que a sustenta, a reproduzir acriticamente a lógica do consumo de massa, do espetáculo esportivo e da indústria do entretenimento (MONTEIRO, 2003, p. 4).

No que concerne a essas considerações acerca do acesso inicial a essas atividades e, além dos convites por *brodagem*, que no cenário desta pesquisa refletem a maioria desta iniciação ao montanhismo (50,49%), é possível verificar que a contratação de serviços (9,71%) e a realização de cursos (24,27%), como o de escalada, também são enaltecidos e, se somados (33,98%), figuram como uma representativa porta de entrada para esses novos praticantes.

Além disso, algumas das respostas a essa pergunta foram descritas no campo “outros” e marcadas entre as opções por significativos 15,53% dos respondentes. Neste campo destinado às apreciações de outras possibilidades, foram listadas as seguintes opiniões: “por vontade própria”, “sozinho”, “tá no sangue”, “com a família”, “buscando esportes radicais”, “com escoteiros” e “interesse individual de ir às montanhas”.

Assoladas por um sofisticado aparato de segurança, regulador do risco a que se submetem, essas práticas esportivas realizadas junto à natureza, em florestas, rios, mares e montanhas, são marcadas por desenvolver um cuidado com o corpo, com a manutenção da aparência jovem, higiênica e da expressão de saúde e bem-estar. Tal postura, em interação com o ambiente, desencadeia no praticante uma percepção diferente do espaço e da natureza (COSTA, 2007, p. 221).

Interessante a exaltação das apropriações individuais, a vontade incontestável de ir às montanhas e a autonomia desses montanhistas. Sobre essas formas de argumentar o interesse por essas atividades, Le Breton (2009, p. 114) analisa que:

Certas atividades físicas ou esportivas se desenvolvem em uma procura

apaixonada de emoções, de sensações de contatos físicos, alcançam momentos de intenso gozo, proporcionam um sentimento de fusão com o mundo. Porém, sem a sensação de risco que se corre, a prática não teria sabor nem essa repercussão sobre a vida pessoal.

Contudo, é preciso enfatizar que apesar do fator risco estar presente nessas atividades, ele está ancorado na perspectiva de um risco controlado, ou seja, em uma série de cálculos racionais que remetem à prudência necessária para que se realize a atividade com segurança.

Portanto, se há tribos que podem se interessar expressamente pelo risco arraigado às atividades de aventura e tê-lo como impulsionador de suas ações (LE BRETON, 2009), também é preciso considerar a existência daquelas que tratam o risco como mais um elemento da atividade, um risco controlado e vivido a partir de procedimentos de segurança e que não corresponde a seu principal motivador.

Para Costa (2010, p. 265) “[...] além do risco, aspectos como habilidade, experiência e praticidade de manuseio também podem ser determinantes para o processo de coesão das comunidades que se formam neste contexto”. Contudo, “[...] é preciso estar bem para cuidar do outro, da mesma forma que eu sei – para além de uma lógica racional – que o outro precisa, portanto, estar bem para cuidar de mim. Logo, o estar-bem e o estar-junto são recíprocos (PIMENTEL, 2006, p. 67).

Apesar de o senso comum tratar esses indivíduos como “amantes do risco”, por vezes pude ouvir os escaladores refutando essa ideia, por acreditarem ser esta uma visão superficial sobre suas práticas e que causa, portanto, uma imagem negativa. A partir dessas considerações apresentam-se análises sobre as motivações e as possíveis limitações que permeiam esta vontade de estar na montanha, nas pedras e nos muros.

DOS MOTIVOS DE SE QUERER A MONTANHA ÀS DIFERENTES LIMITAÇÕES E APROPRIAÇÕES DE SEUS ESPAÇOS: ESCALAMINHANDO¹⁹

Como nem sempre é possível estar nas montanhas, a modalidade *indoor* favorece os



escaladores que priorizam uma rotina de treinos como forma de desenvolver as habilidades específicas e resistências requeridas nas escaladas em paredes rochosas. A escalada *indoor* requer a instalação de muros/paredes com agarras artificiais em locais como ginásios, casas, clubes ou nas próprias instituições de escalada, como no caso do “Muro de Fátima”, localizado na sede da ACE. A divisão das modalidades do montanhismo não significa, para os praticantes, a escolha por uma única atividade. Outras pesquisas, como a de Marinho (2007, p. 322), analisam as relações que se estabelecem a partir desses locais de prática:

[...] O GEEU, assim como outros grupos de escalada urbana que se formam, a cada dia, faz parte de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades, manifestando inovação e criatividade, preservando e promovendo a sociabilidade, como reação ao individualismo. Os membros do grupo se organizam, tentando conciliar estudos, escaladas e todas as atividades diárias, mantendo relações afetivas e dando sentido ao muro – lugar comum entre eles. Isso os diferencia e os torna singulares.

As informações sobre o local onde esses indivíduos realizam escalada revelam que: 3,66% utilizam somente muros artificiais particulares, 51,22% escalam em rocha, 43,90% dizem escalar em rocha e muros artificiais e somente 1,22% utilizam o muro da ACE como forma de contato com prática. A relação entre os espaços e os objetivos desses atores em frequentá-los é permeada de representações; o muro e a rocha tornam-se, durante a rotina semanal, os *point's* de escalada em meio ao que é possível realizar entre o trabalho e o descanso, no tempo que lhes resta espremido entre as obrigações.

A aventura nos muros artificiais de escalada não se liga ao desconhecido e ao perigo; contrariamente a isso, é vivida com base nos acontecimentos anteriores e posteriores à atividade, ou seja, num estudo do que é possível

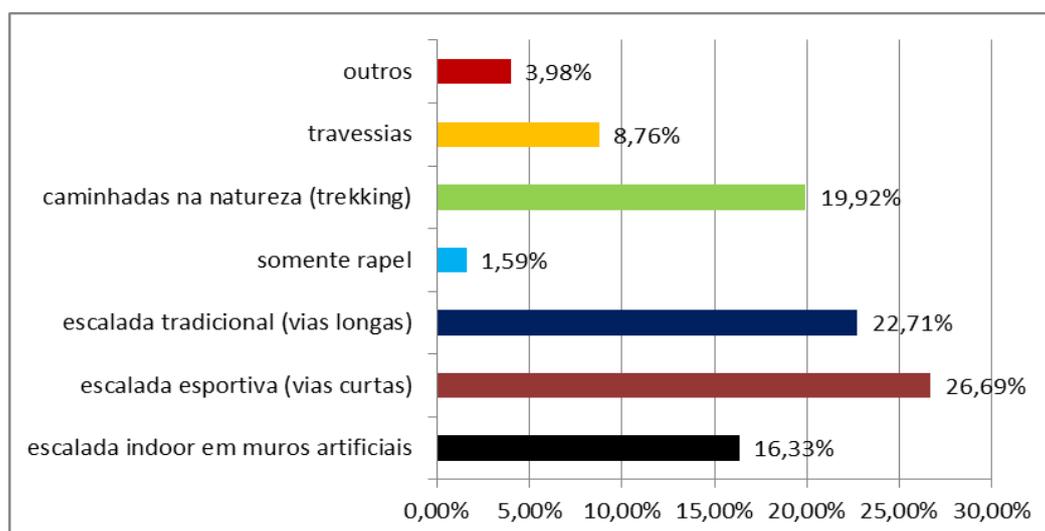
se realizar em cada investida; seus limites são determinados com referência àqueles, sob segurança calculada e completamente integrada ao cotidiano de tarefas, deveres e trabalhos dos escaladores. A experimentação lúdica do corpo, em suas formas genuínas, é bastante perceptível no muro, vivendo-se, com isso, novas emoções, dando diferente conotação às possibilidades de risco e perigo (praticamente inexistentes) e às sensações de prazer e medo (MARINHO, 2007, p. 322).

Contudo, não somente nos espaços físicos ocorre a divulgação dessas modalidades; as teias virtuais entre os praticantes, bem como a busca de informações sobre as modalidades desenvolvidas, também são lócus. Quanto a essas duas “variáveis”, pontua-se a importância dos vetores de comunicação virtual, como *blogs* e *sites* sobre montanhismo, que permeiam tanto a troca de percepções sobre a atividade, quanto o armazenamento dessas informações e conhecimentos entre os interessados.

Sobre estes espaços de relacionamento virtuais que operam na continuação dos sentidos vivenciados na prática, Machado (2012) cita a expressão “pedaço virtual” para retratar como os skatistas estabelecem seus vínculos após e durante os momentos de campeonatos. Segundo o autor, a principal característica do pedaço virtual é o predomínio da comunicação por escrito, em contraposição às diversas formas de comunicação verbal e não verbal que ocorrem nos pedaços físicos (MACHADO, 2012, p. 75). Quando questionados sobre esses espaços virtuais, 91,5% dos indivíduos afirmaram que participam ou estão cadastrados em alguma instituição/entidade de escalada/montanhismo.

A possibilidade do exercício de mais de uma modalidade relacionada ao montanhismo é pontuada pelos participantes desta pesquisa como ponto positivo ao desenvolvimento do grupo e relaciona-se com a vocação territorial do Espírito Santo para estas práticas, como é possível verificar no gráfico a seguir:

¹⁹ Termo utilizado pelos montanhistas para referenciar momentos em que se precisa alternar a escalada e a caminhada.

**Gráfico 4:** Qual tipo de prática relacionada ao montanhismo você desenvolve?

Fonte: Construção dos autores

Havia, antes da aplicação do questionário, a hipótese da prevalência da participação de escaladores e trilheiros²⁰ em decorrência das questões terem sido remetidas pelos canais de comunicação ligados a ACE, entre eles, redes sociais e lista de *e-mails* dos filiados à associação. A hipótese foi confirmada quando se verificou a pequena quantidade de indivíduos que afirmam praticar somente o rapel (1,59%). Este é um indicativo que se fortalece pelas alusões dos escaladores em não considerar o rapel como uma modalidade do montanhismo, mas, sim, uma técnica de descida da escalada.

Como não se trata de um esporte e, sim, uma técnica e/ou atividade de aventura, ou seja, não é institucionalizado, não tem regras definidas nem competições específicas, sua prática se restringe a estudos, prazer, resgates e trabalhos em alturas e outros. É bastante difundido em corridas de aventura, sendo uma das modalidades físicas praticadas nesse tipo de competição. O rapel é um termo que vem do francês "rapel", que significa "chamar" ou "recuperar", para designar uma técnica do montanhismo (NAZARI, 2007, p. 2).

É importante salientar que, uma vez o indivíduo tendo aderido à escalada, em suas dimensões mais amplas, acredita-se que não

haveria mais contentamento em realizar somente o rapel. Contudo, é comum verificar a incidência dessa técnica como uma prática fora do contexto da escalada; basta verificar a quantidade de empresas que o ofertam como produto de roteiros de turismo de aventura, assim como as caminhadas ecológicas e excursões de ecoturismo e que estabelecem seu espaço neste mercado. Fragmentadas ou não, há de se enfatizar que, por vezes, essas vivências pontuais são a porta de entrada para que os indivíduos interessados em atividades de aventura se aproximem de outras modalidades.

Seguindo as análises sobre nossos dados, dentre os 3,98% que preencheram o campo destinado a "outros", listam-se as seguintes atividades: *mountainbike*, *cachoeirismo*²¹, *boulder* e *big wall*. Outra pesquisa que também identificou as preferências dos montanhistas quanto às modalidades foi a de Dias (2009), a qual relata que 21% dos montanhistas do Rio de Janeiro que participaram da "Abertura da Temporada de Montanhismo", em 2007, preferem a escalada com agarras, seguidos por 17% que preferem as fendas e 17% as de aderências, 14% as chaminés e 13% os *boulders*.

Não era esperada a participação de um

²⁰ Montanhistas que realizam trilhas, trekking e travessias.

²¹ Rapel realizado em cachoeiras.



número expressivo de praticantes de outras modalidades, como a mountainbike; ainda assim essa indicação é relevante para contextualizar a questão da apropriação dos espaços de montanha por praticantes de diversas atividades. O que se pode afirmar é que, independentemente da modalidade, o desejo de estar na montanha é motivado por várias razões.

Sobre os fatores de motivação, as opções mais pontuadas referem-se ao lazer (26,72%), à natureza (27,94%), à sensação de risco e superação/teste de limites (23,89%); contudo, também foram listados como motivação os fatos de se ter no montanhismo uma opção para condicionamento físico (16,6%), opção de trabalho (2,02%), acompanhamento de pessoas e inserção em um grupo (2,83%).

Estes dados sugerem uma tríade de referências amplamente debatida por autores que desenvolvem pesquisas relacionadas às atividades de aventura. Sobre a relação lazer e natureza, Monteiro (2003, p. 5) pontua:

[...] considero possível entender o lazer, particularmente as práticas corporais vivenciadas na natureza, como campo de experiências humanas privilegiadas junto aos processos de constituição de subjetividades, já que, ao potencializar os aspectos anteriormente destacados, oferece uma rica possibilidade de exercitar e intensificar uma relação renovada consigo próprio, com a cultura e com a alteridade, aí incluídos os outros seres humanos e os demais seres e elementos do planeta.

Para Campagna (2006, p. 214), “[...] nas discussões cotidianas, a (re) descoberta da natureza e o (re) conhecimento do homem como ser dotado de natureza própria e integrante/integrado a essa mesma natureza, também suscitam muitas reflexões na atualidade dos mais diferentes campos de conhecimento humano”. A própria noção de quem seja o aventureiro recreativo reforça essa ideia, bem como abre perspectivas para outras análises. Na pesquisa realizada por Souza e colaboradores (2011, p. 345):

Segundo os sujeitos, as características mais marcantes dos praticantes de

esportes de aventura são: possuir recursos econômicos (17,01%), condicionamento físico (14,93%), estar entediado com a rotina (15,62%), ser turista, estar em férias (12,84%), personalidade desequilibrada (9,72%) e gostar do contato com a natureza (3,12%). Se forem enfocados os respondentes, vê-se que a associação das práticas de aventura com a relação homem-natureza é fraca nas representações sociais.

No somatório das práticas²², obteve-se a seguinte ordem decrescente de benefícios: mais saúde/qualidade de vida; saída da rotina; emoções fortes; rejuvenescimento/estado sempre jovem; contato com a natureza; motivações compensatórias; e espiritualidade (SOUZA et al., 2011, p. 346).

Os achados do autor acima citado contrariam os dados apresentados nessa pesquisa, pois para os montanhistas do Espírito Santo um dos fatores de motivação mais pontuado é a possibilidade de estar em contato com a natureza (27,94%) durante sua prática. Outros estudos mostram forte relação entre a busca pela aventura e a natureza, como no exemplo da pesquisa de Dias e Alves Júnior (2007), no Rio de Janeiro, que aponta para a relação aventura e natureza entre os participantes e em locais privilegiados com recursos como mar, montanha, florestas e cachoeiras.

Contudo, as evidências que relacionam a importância que os respondentes desta pesquisa dão ao contato com a natureza durante suas atividades também podem ser verificadas pelo apontamento dos 51,22% que preferem realizar suas atividades na rocha a locais artificiais, como foi apresentado anteriormente. Esta natureza a que se tem acesso nesses momentos, por vezes, faz parte do cenário urbano e, por vezes, é encontrada em reservas ou áreas mais distantes dos centros das cidades onde vivem; contudo, o que demonstram os dados quantitativos é que o contato com o natural, com a pedra, com a montanha, quando não se faz frequente no cotidiano dos praticantes, se faz objeto de desejo dos mesmos.

Essa aventura motriz, no meio selvagem, não se apresenta somente como uma prática física,

²² O autor refere-se a práticas de atividades de aventura como escalada, *rafting*, rapel, skate, entre outros.



mas se manifesta como um exercício da vontade do sujeito que a vivencia, de sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao objetivo primordial: o êxtase. O êxtase de seu próprio reencontro (COSTA, 2007, p. 224). A sensação de êxtase remete ao quantitativo de 23.89% de praticantes que revelam o interesse pela sensação de perigo/risco. A ideia de risco apresentado por estes escaladores ajuda a construção de que o mesmo seria calculado com base nas possibilidades de se investir na via, na rocha. Para os atores, este risco é inerente à atividade, mas é justificado pela capacidade do praticante de verificá-lo.

Sobre a falta de tempo e o conseqüente esforço para disponibilizar-se para a prática, Costa (2007, p. 227) apresenta a ideia de que “[...] por se conduzir fora da rotina ou de caminhos domesticados, ela exige uma via clandestina, marginal, noturna, imprevisível, notadamente perigosa e atraente. A exaltação que ela suscita dá ao aventureiro uma consciência excitada de existir”.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por traçar os perfis dos praticantes de montanhismo do Espírito Santo pautou-se na oportunidade de discutir questões relacionadas ao seu cotidiano e a maneira como percebem as motivações e limitações arraigadas às suas escolhas; sendo assim é possível pontuar algumas características do grupo, como a prevalência de homens adultos e independentes financeiramente que residem em Municípios da Região Metropolitana do ES. A maior parte dos respondentes tem mais de três (3) anos de prática e afirmam ter iniciado por convite de amigos. A sensação de risco (23,9%), o contato com a natureza (26,7%) e a prática como uma opção de lazer (27,9%) são os fatores que mais apareceram quando consideramos as motivações para a prática.

Outra característica relevante é que a falta de tempo disponível foi considerada, pela maioria dos respondentes (63,5%), a principal dificuldade para a realização da prática no dia a dia. Na sequência dessas considerações, os respondentes não apontaram a falta de equipamentos como um

fator limitante à iniciação na atividade; contudo, os dados sugerem que ao passo que os indivíduos aderem à prática, a aquisição de equipamentos e produtos relacionados a essa área torna-se recorrente.

O cenário do montanhismo no Espírito Santo revela traços únicos quanto à sua organização, se comparado a outros Estados brasileiros, que também vinculam pessoas que praticam a escalada. No Espírito Santo, a ACE exerce, enquanto instituição, uma função de mediadora da socialidade entre os praticantes, de forma que em outros locais essa transmissão de condutas é realizada por mais de uma entidade, como relatado pelo escalador Naoki Arima e Redi, que vivenciaram a escalada em suas cidades natal, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, respectivamente, antes de alocarem-se no Espírito Santo.

Bem, lá (Rio Grande do Sul) é muito grande, então tem várias instituições que não são tão integradas, apesar de que existe uma federação. Já aqui no ES a ACE responde por cerca de 90% das ações relativas à escalada no Espírito Santo (Naoki).

Quando a gente tem abertura de montanha no Rio de Janeiro a gente vê bem isso, são várias galeras, escaladores, trilheiros, gente da bike e a montanha, tem espaço pra todo mundo, a montanha é um sistema diverso e isso reflete nas pessoas. Aqui a gente se juntou mais porque não tem muita opção, tem muita região que foi desmatada, é mais complicado porque tem muitos parques que tem proibições de passagem livre, o que restringe a gente estar por lá, a ACE vem fazendo um trabalho contra isso. No RJ a maioria dos parques é gerenciada por montanhistas, por gente que sabe da atividade e não somente pelo IBAMA.

Portanto, confere-se aos montanhistas que participaram desta pesquisa o interesse em se perceber como sujeitos mediadores da contextualização do grupo ao qual pertencem. A intencionalidade de apresentar indicações e análises que possibilitassem o delinear do perfil dos montanhistas do ES foi alcançada; porém, é importante ressaltar que a análise desses achados não pode ser considerada definitiva, uma vez que



eles são apenas uma parcela da amostra. Em suma, buscou-se elucidar a trajetória dos atores que, à revelia das limitações, escolheram a montanha como lócus para suas práticas.

É possível afirmar que existem vários perfis de escaladores no Espírito Santo e que as características que referenciam suas diferenças estão ligadas aos interesses, afinidades e oportunidades a que estes atores têm acesso; contudo, o foco de sua organização está em promover a prática da escalada.

Mesmo diante de um emaranhado de diferenças entre estes escaladores, que passam pelo tempo disponível para a prática, as modalidades de preferência, os estilos de vida, os objetivos ao frequentar a montanha, pode-se afirmar que, em locais de prática referenciados em ambientes urbanos, como a pedra da Ilha do Boi, Morro do Moreno e o Muro de Fátima (ACE), as condutas de segurança e ética seguem padrões que garantem o convívio de diferentes grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETRÁN, Javier Oliveira. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts**. Educación Física y Deportes, n. 41, p. 5-8, 1995.

BETRÁN, Javier Oliveira. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa Turini. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003, p. 157.

BRITO, Altair Gomes. As montanhas e suas representações: buscando significados à luz da relação homem-natureza. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, PB, volume 8 – nº1/ 1º Semestre 2008.

CAMPAGNA, Jossett. Homem-natureza: “parceiros” na aventura e no (re) encontro com o outro. In: SCHWARTZ, Gisele Maria. (Org.). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura, 2006.

CANTORANI, José Roberto Herrera; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de. As atividades físicas de aventura na natureza: um estudo na perspectiva do processo civilizador e da tecnologia como fator de afastamento e aproximação da natureza. In: **Anais Simpósio Internacional do Processo Civilizador**, 9, 2005, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

COSTA, Cris de Souza Cerqueira. **Formação profissional no esporte escalada**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

COSTA, Lamartine Pereira da; ALMEIDA, Ana Cristina P. C. de. **Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967 – 2007**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2007.

DIAS, Cléber Augusto Gonçalves; ALVES JÚNIOR. Edmundo de Drummond. Esporte, cidade e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, MG, v. 9, n. 1, p. 37-53, 2006.

DIAS, Cléber Augusto Gonçalves; ALVES JÚNIOR. Edmundo de Drummond. **Entre o mar e a montanha, esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói: EdUFF, 2007.

DIAS, Cléber Augusto Gonçalves **Urbanidade da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema IBGE de Recuperação Eletrônica (SIDRA)**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 de set. de 2013.

LE BETRON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte aos jogos de viver**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LE BETRON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MACHADO, Giancarlo. Todos juntos e misturados: sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. (Orgs.). **Skate e Skatistas: questões contemporâneas**. Londrina, PR: UEL, 2012.

MARINHO, Alcyane. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP, 2001.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa Turini. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MARINHO, Alcyane. **As diferentes interfaces da aventura na natureza: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea**. Tese (Doutorado Educação Física), Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP, 2006.

MARINHO, Alcyane; TEIXEIRA, Fabiano Augusto. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.536-548, jul./set. 2010.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. A produção do conhecimento referente às temáticas lazer, aventura e natureza. In: **Anais Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, 15, 2007, Recife, Pernambuco, Brasil.

MONTEIRO, Sandoval Vilaverde. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza**. Campinas, 2003, 143 f. Tese (Doutorado em Educação Física/Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

NAZARI, Juliano. Rappel: na perspectiva vertical. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 11, nº 106, março de 2007.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; SAITO, Caroline Fama. Caracterização da demanda potencial por atividades de aventura. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 16 n. 1 p. 152-161, jan./mar. 2010.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Florianópolis, SC, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set. 2013.

SOUZA, Juliano de; TOLEDO, Renata Maria; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Representações sociais e instituição da realidade no subcampo esportivo do montanhismo: uma possibilidade de leitura sociológica a partir da obra “Sobre homens e montanhas” de Jon Krakauer. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.341-49, abr./jun. 2011.